Parte III - Final

“São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate, sede o nosso refúgio contra as maldades e ciladas do demônio. Ordene-lhe Deus, instantemente o pedimos, e vós, príncipe da milícia celeste, pela virtude divina, precipitai no inferno a satanás e aos outros espíritos malignos que andam pelo mundo para perder as almas. Amém” (Oração a São Miguel Arcanjo)

- Introdução
- O modus operandi do ICLS
- Análise do conteúdo
- Ponto 1
- Ponto 2 – Análise dos símbolos
- Considerações Finais da Parte III - Final

Introdução

Bem, finalmente chegamos ao fim dessa jornada. Um peso e uma responsabilidade que me acompanhavam há anos e que mais e mais se agravavam têm o seu término. Daqui para adiante, sob a luz do Sol, cada um é responsável pelas suas escolhas, já o era, mas havia algo como que uma névoa.

Àqueles que estão tomados pela paixão, com dedos nervosos escrevendo por aí, creio que não haja muito o que fazer; há coisas que só o tempo e a experiência são capazes de mostrar. Aos tristes e desesperançados, diria que em breve tudo isso vai passar — não só eu como alguns ex-alunos já passaram por isso. E aos que já sabiam de algo, dei voz.

O preço disso só o tempo dirá.

Você que está lendo este documento, diante de uma injustiça publicamente feita, seria capaz de pagar o preço do ostracismo social por denunciá-la? Muito mais confortável e gostoso é ter o ego afagado em grupo, não é? Aos que gostam de pôr panos quentes falando de “maledicência...”, “pecados pessoais não se comentam publicamente”, e outras coisas do tipo, informo: Eu já fui à mesquita aqui do Distrito Federal e eu poderia ter sido alvo de espancamento naquela época sem nem saber o motivo por causa de um cara que inventou e espalhou coisas hediondas sobre mim, e que pode muito bem torná-las a repetir, como já o fez, E pode inventar coisas não só sobre mim, mas sobre outros.

Muitas justificativas têm surgido e surgirão, mas não me deterei mais nisso; nem de longe quero fazer disso aqui uma busca sem fim — tenho mais o que fazer.

O modus operandi do ICLS

O Instituto Cultural Lux et Sapientia pretende-se um instituto multicultural ou inter-religioso que envolva várias religiões e trabalhe aquilo que muitos chamam de cosmologia tradicional, certo?

Começo perguntando: Quem aí já viu um professor budista ministrando aulas? Quem já assistiu a aula de um judeu no ICLS? Por que vimos a aula de nenhum especialista nas religiões animistas indígenas aqui do Brasil?

Não, não é um instituto multicultural ou inter-religioso, há somente duas religiões tratadas: cristianismo e islã. Curioso, não?

Talvez pudéssemos começar a suspeitar de que há uma infiltração muçulmana no Brasil, mas não, deixemos a idéia de lado... Mas, talvez, quem sabe, fizesse algum sentido sob a luz do que já foi dito?

Continuemos.

Já se vão sete anos acompanhando o instituto e, nesse ínterim, já notei famílias que se dividiram e quase acabaram, conversões e pessoas que chegaram ao ponto de fazer uma consulta com o Luiz Gonzaga ou conversar com o Tales esperando guiamento sobre os menores aspectos da vida. Alguns alunos mais antigos viram a conversão de seus amigos, aquele que um dia estava pedindo referências de catecismo, meses ou ano depois aparece transformado. Mas aqui não é lugar de apontar o dedo, isso é conforme a consciência de cada um, tampouco, ameaço “lançar podres” por aí como o Tales faz. O assunto já deu o que tinha de dar.

Olhemos com olhos aguçados para nós mesmos, alunos do ICLS: sabemos pouco da vida, a grande maioria dentre nós foi criado em cidade grande, estudamos em péssimas escolas, tivemos poucos amigos verdadeiros, aqueles dentre nós criados dentro de uma religião teve formação parca. Não somos, acaso, um prato cheio para qualquer um que se apresente como sábio?

Procurando por um método de abordagem da vida de estudos, se olharmos para o COF, por exemplo, notamos que o professor Olavo está sempre a citar livros de referência em suas aulas, o tema às vezes permanece incompleto, mas não é por uma questão de que o curso simplesmente acabou, é por realizar uma abordagem radial dos temas propostos, cada vez mais elevando o nível da discussão; ou seja, os conteúdos ministrados em aula não têm uma relação intrínseca com o professor, mais com a realidade e com a produção intelectual que faz referência a essa realidade mesma — o famoso status quaestionis. No ICLS o procedimento é diferente: tudo está centrado na figura do professor, e quem quiser se aprofundar em algum tema, precisa de uma consulta pessoal. O professor Olavo quer que o aluno caminhe com as próprias pernas e exerça a sua Inteligência na realidade, já no ICLS, não, procuram estabelecer uma relação entre professor e aluno (mestre e discípulo?) deixando a bibliografia bastante de lado, quando não, desdiz dela. Naqueles cursos antigos, ainda havia um remanescente de bibliografia, mas hoje, o que há senão a

necessidade de marcar uma consulta para se aprofundar num tema?

Faço o COF desde 2013 e muitas vezes o professor Olavo contou a história da tariqa do Schuon e detalhou que ele era muito inteligente para tratar dos temas no seu nível mais alto, porém era bem burrinho para o direcionamento pessoal que pretendia. Com o ICLS, parece-me que a situação se inverteu: eles se utilizam muito de direcionamento pessoal da vida dos alunos, e o conteúdo sempre está naquela alta esfera sutil da existência, simbolismo, significados, ritos — e sempre tudo meio incompleto, com cursos pela metade, áudios péssimos, material faltando, livros de referência não são citados — quase como uma isca para os incautos que, por uma inclinação natural, têm interesse nessas áreas do conhecimento.

E, cá entre nós, quem acompanha o professor Olavo sabe o quanto ele já advertiu do risco das tariqas e da influência muçulmana, não foi nem uma, nem duas, nem três, foram algumas dezenas de vezes. Ele fez a parte dele, nós é que não o ouvimos — sim, coloco-me entre os que erraram e a autora do segundo relato também admite.

Não só o ensino é centrado no professor, como em muitas aulas sempre são utilizadas alguns argumentos de autoridade (que nunca são citadas com nome) como “Já conversei com um monge muito santo, e ele disse isso” “Conheci bispo comunista que pegava o dinheiro do dízimo e financiava a guerrilha” “Está lá no Código do Direito Canônico que a missa é sacrílega se...” ou, quando um aluno faz uma pequena objeção sempre tem o clássico “Ah, eu conversei com um monge muito santo e aprendi isso, e você aprendeu isso de quem?”. Obviamente, o aluno se cala.

Curiosamente, quando um aluno procura ter uma referência bibliográfica, logo é taxado de legalista ou coisa do tipo, como aconteceu tempo desses no grupo do Telegram quando um aluno tentou verificar a lista do que seria sacrilégio no Código de Direito Canônico.

O próprio fato de os conteúdos ministrados pelo ICLS serem bastante sublimes, simbólicos e rarefeitos é bastante significativo:

Não me aprofundarei ainda aqui (será no próximo capítulo), mas o peguemos como exemplo a aula sobre o pão; muitas religiões têm o jejum, a esmola e a oração como práticas (até o longínquo budismo) falar sobre o simbolismo do pão ou pode encaixar-se nas mais várias religiões.

Façamos aqui uma pequena analogia da fé católica com o corpo humano: nosso corpo é composto de partes gradualmente grosseiras, há o ar nos nossos pulmões que nunca se esvaziam, os tecidos moles, os órgãos, os músculos e os ossos, a última coisa a se desfazer num cadáver. Para que o corpo bem funcione, são necessárias todas estas partes, mas fornecer apenas simbolismo e demonstrar certo desprezo para com o Catecismo ou o Direito Canônico, é como ter bons pulmões ou um cérebro que funcione bem, mas não ter ossos: não há como ficarmos de pé, tornamo-nos uma massa amorfa que pode ser facilmente manipulada. Por isso o ensinamento da fé dada aos pequenos começa pelo Catecismo, saber recitar um Pai-Nosso, uma Ave-Maria, saber que a Missa é o sumo sacrifício de Deus que nos ama, fazer um sinal da cruz em respeito a um lugar religioso, e por aí vai, primeiro recebe o básico e depois parte-se para as áreas mais sutis do conhecimento.

A formação religiosa da maioria que entra em contato com o ICLS é, no mínimo, deficitária, e então, repentinamente, descortina-se um vasto mundo de símbolos, é o pão, é o fogo da tradição,

é ser piedoso, sem nunca ter parado e lido uma sentença do Catecismo. Graças a Deus, fez parte da minha conversão o material do Pe. Paulo Ricardo, então sempre pude, mesmo embebido em tanto simbolismo, pôr os pés no chão.

Quantos não abandonaram seu fervor religioso em favor de pesquisar sobre seres sutis?

Há o desenvolvimento de uma imaginação hipertrofiada ou, nos termos do curso sobre Antropologia Escolástica (que de escolástica só tem o nome), poderíamos dizer que é um excesso de Lua. Sentar a bunda na cadeira para aprender latim ou grego é muito difícil, relações sintáticas complicam muito a nossa vida; Literatura Clássica para quê? Mais fácil ler literatura infanto-juvenil do que gastar 1h para entender alguns versinhos de Virgílio ou Horácio. Gramática? Retórica? Dialética? Não, mais fácil pegar alguns símbolos dispersos por aí e ficar viajando na maionese.

Algumas pessoas poderão perguntar: Mas isso não é coisa de que a pessoa tem de correr atrás? Se o foco escolhido por eles for uma coisa, o que eles podem fazer? A formação humana integral que eles pretendem, dando aulas inclusive sobre relacionamentos e sobre literatura, deveriam integrar — ou, ao menos, ser sugeridos — esses conteúdos mais básicos: se você não entendeu uns versinhos de Camões, que é muito mais simples, o que o faz pensar que consegue entender, manejar e compreender as demais coisas a partir de um símbolo?

Claro, atualmente temos o campo oposto se formando no Brasil, pessoas que se apegam à letra do Catecismo, ao rito extraordinário em latim que dizem ser “A Missa de sempre” — sem saber que antes da instituição do rito gregoriano, havia muitos ritos diferentes só na Europa —, aos vestidos compridos e aos ternos e esquecem-se das partes mais sublimes, mas rad-trads — ou fari-trads, hehe — não são o assunto aqui. E tal ação é como um corpo sem ar, sem espírito — a letra mata, mas o Espírito vivifica.

Pense, leitor, quem mais ensina simbólica no Brasil? Vai, pense.

Difícil pensar fora do ICLS, não é?

Adianto alguns: o Oleniski há 14 anos mantém um blog em que trata do tema. Também há o André Muniz, o popular “Arya”, que tinha um blog e agora migrou para o YouTube, budista e maçom declarado. “Ah, Léo, mas ele é maçom!”, certo, mas pelo menos é declarado. “Ah, Léo, mas ele é budista!” sim, declarado, ele assumiu uma posição clara. Tem treta no meio? Não sei. Eu não estou aqui dizendo para você leitor eleger outra espada do discernimento infalível, apreenda o conteúdo e não se apegue à figura. Enquanto o ensino depender mais da figura do professor do que da realidade e da aplicação da sua própria inteligência, você estará sujeito às tempestades.

Eu nada teria a escrever caso, desde o início, as cartas já estivessem na mesa, “somos muçulmanos e ensinamos isso aqui no nosso instituto, seguimos a tradição tal, estão aqui os livros e o valor é tanto”. Por que camuflar algo tão nobre quanto uma religião? Por que segredinhos? Por que se aproveitar da vontade das boas pessoas em ajudar? Já pensaram que coisa feia seria um cristão fazer tal ato num país muçulmano? Eu teria vergonha.

Acerca dos professores e conferencistas do ICLS, desconheço as relações, e nem faço questão de conhecer. Muitos parecem-me ser muito gente boa e talvez tenham entrado de gaiato na história.

E como já disse anteriormente, há muitas coisas interessantes por lá, mas quem é capaz de separar o joio do trigo?

E com quem mais aprender cosmologia?

Pesquisem pelas aulas antigas, pesquisem pelas bibliografias antigas de Luiz Gonzaga, e o que encontrarão lá? Basicamente Aristóteles, Liber de Causis, Plotino. Será que não há mais lugares para estudar Aristóteles? Já experimentou pesquisar pelo professor Victor Sales Pinheiro? Professor Sidney Silveira? Já viram os livros da Polar Editora? Há muitas pessoas e material nesse meio.

E língua portuguesa, o quanto você realmente sabe?

Análise do conteúdo

Creio que neste documento já está suficientemente descrita a problemática dos dois principais articuladores do ICLS, Tales e Luiz Gonzaga. Também, creio que esteja suficientemente detalhado as circunstâncias dos alunos e o modus operandi adaptado para a circunstância brasileira. Resta-nos, fazer uma análise detalhada do conteúdo ensinado.

Muito se fala (e principalmente, se ri) de que “como assim os professores do ICLS querem islamizar o Brasil ensinando-nos a sermos bons cristãos?”. Pois bem, ensina-se corretamente os símbolos a estes cristãos? Quantos, dentre estes cristãos, não estão subjugados a autoridade de Tales e de Luiz Gonzaga? Não se trata, tão somente, de uma conversão, mas também de colocar sob a sua autoridade uma série de cristãos que estão por aí ganhando mais e mais respeito diante da comunidade. Martin Lings não precisou proclamar nas praças para islamizar a Inglaterra, precisou, tão somente, da família real, o restante do país está sendo mera conseqüência.

Analisarei a aula “O Que é o Pão”, que foi um marco ao longo do tempo de vida do ICLS. Outro motivo para analisar esta aula é que ela é, para a massa de alunos do ICLS, o motivo da treta com o Italo Marsili (sei que não é, o problema é bem mais embaixo, mas sigamos).

Farei um breve resumo para que confirmemos que não estou criando um espantalho e, em seguida, tratarei de pontos específicos:

Em primeiro lugar, devemos procurar Missas sem sacrilégios (é esta a palavra usada por ele ao longo da aula). E Luiz Gonzaga acrescenta (daqui para baixo as citações são da aula sobre o Pão):

> “Se alguém frequenta a missa no domingo, o seu dever é procurar por uma missa válida o dia inteiro. Se alguém procurou o dia inteiro e não achou nenhuma, então essa pessoa cometeu apenas um pecado venial. Essa é a lei, é assim que funciona. Isso dá trabalho? Claro que sim, mas queremos o Céu, a felicidade eterna, e não queremos ter trabalho ao menos uma vez por semana? Uma vez por semana é muito pouco!

Numa Missa válida recebemos trigo espiritual que, nas palavras ditas por ele, “em termos técnicos, em linguagem jurídica da Igreja, se chama graça santificante”. E se a Missa for inválida, o trigo vem com veneno.

E Luiz Gonzaga acrescenta: “E também devemos ser sensatos e prudentes como serpentes. O que é uma pessoa sensata e prudente como uma serpente? Quando encontrarmos uma missa em que recebamos trigo limpo, não devemos parar de procurar outras missas limpas”, O número, ao longo da aula, varia de vinte à duzentas missas (e claro, considero que há um fundo hiperbólico neste número).

O segundo passo é moer este trigo que significa o esforço constante e cotidiano e, também, a intenção de a pessoa praticar a religião até a morte.

O terceiro passo é acrescentar água à farinha, ato relacionado ao jejum, pois, da mesma forma que a água reúne a farinha, a fome reúne todos os desejos em um único desejo: o de alimento. Resistindo ao desejo de alimentos, é como se resistíssemos aos demais desejos reunidos na fome.

O quarto passo está relacionado ao ato de sovar a massa, em que, através do esforço, acrescentamos ar à mistura. Tal passo está relacionado com a constância na oração, pois "sopramos" sobre esta massa. Luiz Gonzaga acrescenta:

> Ter uma religião é ter de fazer essas coisas. E, fazendo isso, a religião recebe o Espírito de Deus. A palavra espírito significa ar, e é esse ar que fará com que a nossa massa cresça e fique macia. Se não fizermos isso, o que acontece? Nosso pão ficará duro como pedra e se não poderá ser comido.

O quinto passo está relacionado com o elemento fogo, quando pomos o pão para assar. O fogo retira o excesso de água do pão (os desejos reunidos anteriormente), expande o ar e transforma aquela massa em alimento verdadeiramente humano. Assar o pão está relacionado com o ato de dar esmolas, em que retiramos o nosso "excesso" (nossos desejos e assemelhados) ao ministrar esmola àqueles que precisam.

Luiz Gonzaga ressalta a importância de que desses três desses três últimos atos sejam feitos em segredo, pois assim, Cristo recompensa em segredo. Curiosamente, durante a aula, é dito "*Agora, honestamente, aqui temos pessoas que se dizem católicas, pessoas que se dizem evangélicas e pessoas que se dizem ortodoxas, mas a realidade é que ninguém de fato tem religião. Quem é que jejua em segredo aqui? Ninguém!*". Mas como ele vai saber disso se é para fazer em segredo? Continuemos.

E depois continua: depois de cinco anos praticando consistentemente, seremos "padeiros", nos alimentamos de pão espiritual, ficamos fortes, nosso cônjuge e filhos terão religião, pois se alimentarão de pão. Esse é o primeiro estágio da vida cristã e, se não cumprirmos nem isso, os Santos, ele cita Santo Antão, nos bateriam a porta na cara. Felizmente Santo Ambrósio nunca fizera isso com Santo Agostinho, situação na qual, parece ter sido o contrário.

Segue-se a aula com algumas sugestões de jejum e orações e começa a introdução do vinho:

> como dissemos, fazer o pão é o estágio inicial da vida cristão, e quem quiser alcançar a santidade deverá aprender também a fazer o vinho. Por quê? Porque não há consagração, não há Eucaristia, não há o Verbo de Deus encarnado para nós sem o pão e sem o vinho. Se perguntarmos a um padre se é possível fazer a consagração somente com o pão ou somente com o vinho, ele nos dirá que isso

> não é possível. Assim é com a nossa alma. Se ela não produzir esses dois materiais, nunca será transformada em Jesus Cristo. Sem isso, nunca poderemos dizer o que disse São Paulo: ‘Não sou eu mais quem vivo, é o Cristo quem vive em mim’.

Há um ponto bastante importante em seguida sobre “devemos ajudar os piedosos. Devemos ‘comprar’ esses amigos com o dinheiro da iniquidade”, no qual nos é advertido que ajudemos aqueles que sabem fazer pão, mas passam por necessidades financeiras. Segue um trecho muito bonito:

> “O interessante sobre isso é que o próprio Cristo vivia de esmola! Então, quando ajudamos essas pessoas, é como se tivéssemos ajudado o próprio Nosso Senhor Jesus. E, se pensarmos bem, não fomos nós que O ajudamos, mas sim nós que fomos ajudados, pois ganhamos em troca uma coisa de valor imensamente maior!

E acrescenta:

> “Não gostamos de ajudar os piedosos, porque eles não afagam o nosso ego. Quando os ajudamos, eles não nos dizem: “Caramba, como você é maravilhoso!”. A única coisa que nos dizem é: “Obrigado.”. Um simples “obrigado”. Por que isso? Pois eles são melhores do que nós, e seria uma falsidade para com Deus que se colocassem numa posição inferior a pessoas que são piores do que eles. No momento em que agradecem a ajuda que receberam, é muito possível que pensemos: “Ele nem me agradeceu direito!”. Mas o que estávamos esperando? Uma medalha, um brilho nos olhos e uma massagem no nosso ego? Tenha santa paciência! Nós é que saímos ganhando nessa troca!

No decorrer da segunda aula esse ressalta a questão da Graça Santificante:

> “O trigo é aquilo que tecnicamente, em Teologia Católica, chamamos de Graça Santificante; ele é a Graça que recebemos e que vem nos sacramentos. A Graça é como um trigo que ficou em nossa alma. Esta era uma terra vaga e vazia na qual Deus despejou Sua luz. A Graça despejada é um alimento que Ele entrega a nós. Só que temos de pegar e elaborar esse alimento. Porém, devemos notar que Cristo não chega para os apóstolos, pega um monte de trigo e diz “esse é meu corpo”, não pega um monte de uvas e diz “esse é meu sangue”. Esse trigo

> e essas uvas já foram elaborados pela ação humana. Para que cheguemos a Deus – e não estamos falando de desaparecer em Deus, mas em formar uma unidade com Ele – temos que cooperar. Isso é o que, também em Teologia Cristã Tradicional, chamamos de sinergia ou cooperação: um trabalho cooperativo entre o homem e Deus. [...]
>
> Os sacramentos são sinais visíveis de graças invisíveis: essa é definição católica mais básica, que também vale para a Igreja Ortodoxa, e que, em última análise, também vale para as igrejas protestantes – embora estas últimas não tenham todos os sacramentos católicos e ortodoxos, elas têm alguns sacramentos e atividades sacramentais. A leitura coletiva do Evangelho, por exemplo, é uma atividade sacramental. Se fizerem isso juntos, pensando em Jesus Cristo e com a intenção de cumprir o Evangelho: "Onde houver dois ou três reunidos em Meu nome, Eu estarei lá". É Ele quem está dizendo que enviará a Graça sobre tal grupo. Claro, isso não é um sacramento no sentido estrito, mas é uma atividade sacramental. É uma maneira que Ele mesmo indicou, e, se assim fizermos, Ele nos dará a Sua Graça.

Na segunda aula muitos dos temas são retomados, mas acrescenta algo novo:

> Devemos lembrar que muito antes do Cristo fazer isso, Deus-Pai também ensinou o homem a fazer pão. Quando Adão caiu do Éden, o que Deus lhe disse? "Ganharás o teu pão com o suor do teu rosto". Ou seja, a partir daí o homem teria que comer pão, e este seria um alimento que ele sozinho teria de produzir, enquanto no Éden não havia essa necessidade de trabalhar e de produzir o próprio alimento. [...]
>
> Também é por isso que, se não fizermos pão, não temos religião, porque o pão é o alimento para o ser caído. Se ele está caindo, ele precisa de um alimento que é enviado pelos Céus e sobre o qual terá de colocar o próprio esforço e suor. E é esse alimento que segura o movimento da queda.
>
> Essas duas imagens correspondem exatamente àquilo que o Cristo fala para o jovem rico. Este pergunta para Aquele: "Senhor, como faço para obter a salvação?". Jesus diz: "Faça isso, isso, isso e isso". Ao que o jovem responde: "Ah! Senhor, já faço isso desde a juventude!". Então Cristo replica: "Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres e depois vem e me segue". Se alguém então quer vinho, então "vai, vende tudo que tens, dá aos pobres e depois vem e me segue". O vinho só será dado a quem largou o mundo e entrou solitário numa arca; depois da tormenta, a essa pessoa será dado um novo mundo no qual ela aprenderá a vinicultura. Isso quer dizer o quê? Que o pão é um dever de todos, ou seja, todo mundo deve escapar do Inferno. Por que é um dever de todos? Porque isso é uma necessidade universal. Se não o

> fizermos, pior para nós. Deus, quando deu o pão a Adão, disse: “Você é um pecador e acabou de inventar o pecado, mas ainda assim te dou o pão, e você vai ter que fazê-lo, porque se não o fizer morrerá de fome”. Já o vinho não, ele é um extra, digamos assim. O vinho é dado na circunstância contrária: é para o sujeito que se separou completamente do pecado e entrou numa arca apertadinha após perder tudo.

E sobre o efeito do vinho acrescenta:

> “Mas por que isso é assim? Bem, para sabermos isso, temos que nos remeter mais uma vez ao simbolismo do vinho. Qual é a sua característica? Qual é o efeito do vinho em quem o bebe? Imaginemos que um sujeito saiu do trabalho muito bravo e quer brigar com a esposa, e que antes de voltar para casa ele passa no bar e enche a cara. O que ele fará em seguida? Ele voltará para casa e baterá na esposa. Agora, imaginemos outra situação: uma pessoa está muito triste, deprimida e frustrada. Se ela encher a cara, o que acontecerá? Ela certamente irá chorar. Uma última situação: um indivíduo está muito contente e quer festejar, mas está com vergonha. Então ele enche a cara. O que acontecerá? Ele festejará.

E expressa a quem é dado o vinho:

> “o vinho só pode ser concedido para alguém que sofreu uma profunda transformação espiritual. A partir do momento em que as paixões, representadas pela humanidade do tempo de Noé, representam as paixões humanas, são eliminadas, só então é possível que se revele o que está dentro do sujeito, porque nele sobrou apenas aquilo que é de natureza excelente.

Algumas explanações e detalhes importantes seguem, até que chegamos à explicação do que seria o reino. Cesso o resumo e citações aqui para nos concentrarmos em alguns poucos pontos: Graça Santificante, Pão e Vinho.

Dividirei esse estudo em duas partes: (1) O efeito geral do que aconteceu e (2) análise dos símbolos.

Ponto 1

Após o lançamento desta aula aconteceu uma correria atrás do trigo limpo. Alguém bateu palmas no Glória ou levantou o folheto? Corre dessa Missa. Chegou e tem aquele folhetinho azulado da Diocese? Saia. Viu um instrumento de percussão? Corre que satanás está lá. Violão? Fique a postos para sair de lá, conforme o tocarem.

Sacrilégio aqui, sacrilégio acolá, sacrilégio em todo lugar.

Só pode trigo limpo, absolutamente limpo.

Muitos começaram a desdizer de suas paróquias que há anos freqüentavam. Uma onda "puritana" varreu o ICLS, começaram a se movimentar para criarem listas de trigo limpo. Os alunos chegaram aos extremos de manifestarem que mesmo em capitais estaduais não havia trigo limpo. Um exemplo que vi recentemente é um aluno que disse que a única liturgia em Curitiba possível é em uma igreja ortodoxa, sob a condição de ser a menos ruim.

Numa breve procura no Google, descobrimos que há na Arquidiocese de Curitiba 142 paróquias divididas em 11 municípios. 142 paróquias e nenhuma presta? E o que resta de "menos pior" é uma paróquia ortodoxa?

Pare por um momento e pense: Algumas paróquias têm dois ou mais sacerdotes que podem ter modos diferentes de rezar, chutemos um valor baixo de paróquias com dois sacerdotes, imaginemos que totaliza 200 opções só dentro da Igreja Católica. Se alguém for de paróquia em paróquia (em algumas duas vezes pois há dois sacerdotes) num ritmo de 4 missas por semana, (o que é difícil, pois a missa de terça-feira pode ser muito diferente da de domingo), levaria 50 semanas, um ano, só para conhecer uma única Missa por sacerdote. Uma! Nem vamos considerar uma cidade como São Paulo que tem 307 paróquias católicas (nem falo das ortodoxas).

O que foi primeiramente observável (e que algumas pessoas notaram e comentaram nas redes sociais, quando foram execradas) foi um forte movimento de soberba, pois o "fiel" colocava o pé na paróquia como se fosse o Tribunal do Santo Ofício verificando a lista de conformidade.

O segundo ponto, muito bem observado por alguns, é que é muito difícil ser católico e achar uma Missa com "trigo limpo". Criou-se uma tensão na alma dos alunos do ICLS: É **muito difícil** achar trigo limpo.

Sinto-lhes informar, mas essa tensão foi propositalmente incutida na aula. Não foi esticada uma "régua" para medir pequenos problemas irrelevantes da Missa, para os médios e daí sacrilégio. Resultado: Um violão ritmado tem a mesma classificação de levar a Eucaristia para um rito satânico, afinal, "é tudo sacrilégio, corre de lá!".

Ensinam-nos dificuldades para vender facilidades. Ou melhor, centrarem em si o cuidado das almas. Como já foi estudado neste documento, quantos aqui não tem Luiz Gonzaga como fonte de confiança para lidar com esses assuntos? Quantos talvez não foram ao mestre (guru) para receber guiamento e ouvir “olha, o islã tem menos problema com isso, porque cada homem é sacerdote”? De qualquer forma, como já expresso aqui, também, o importante é manter a autoridade perante os demais e subjugá-los.

Alguns dizem que a aula “Como não destruir a sua religião” combate a soberba acima expressa, mas não, ela trata de um outro tipo de soberba, mais exatamente, a soberba do religioso de uma religião perante as demais religiões ou de seus irmãos mais próximos e do conflito entre diferentes civilizações. Curiosamente, Luiz Gonzaga novamente põe na conta de salafistas as críticas dos muçulmanos aos ensinamentos cristãos, quando, na verdade, está literalmente expresso no alcorão uma série de críticas que, muito provavelmente, as mais diversas escolas de interpretação subscrevem (tenho de dizer muito provavelmente porque o islã é uma bagunça). Ademais, este documento não seria possível vir à existência sem a ajuda de ortodoxos.

Outro ponto que merece destaque é que nessa “peregrinação em busca da Missa perfeita”, não há tempo para conviver na paróquia e identificar aqueles que “fazem pão e vinho”. Se alguém tem de conhecer umas 10 missas de trigo limpo e constantemente estar monitorando e talvez mudando de paróquia, que convivência haverá com seus irmãos? Logo, quem resta na lista de pessoas piedosas entre os alunos do ICLS?

Oh, que coincidência! Sobra na memória de um aluno do ICLS Tales e Luiz Gonzaga na lista de pessoas piedosas, vamos ajudá-los a pagar as contas! E se eles disserem apenas um “obrigado”, é assim mesmo, pois eles são melhores do que nós (será que eles podem pisar em nós também?).

Na espiritualidade cristã, isso soa muito estranho — alguém por acaso se lembrou do lava-pés ou do trecho “*quem quiser ser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve*”? —, mas **no conceito de mão de cima e mão de baixo islâmico**, no qual sempre temos de saber quem está acima e quem está abaixo, **isso soa muito correto**.

Parem por um momento e vejam os documentários de São Païsios (disponível no Link e Link. Notem como o santo recebia as pessoas, mesmo estranhas, abraçava-lhes de todo o coração e, diante de um sacerdote, inclinava-se de todo o coração. Acaso ele parece-se com o piedoso descrito pelo ICLS?

Creio que até aqui o ponto 1 já esteja suficientemente demonstrado. Vamos ao ponto 2.

Ponto 2 – Análise dos símbolos

Então vamos na Missa buscar trigo, de preferência limpo, que é Graça Santificante, com a prática constante (a pedra de moinho) nós “moemos” o trigo com o Jejum (água) nós juntamos a farinha e o fogo da esmola a assa. E depois temos um trigo que passou pelos processos humanos e se tornou alimento verdadeiramente humano.

Dito de outro modo, já que trigo é Graça Santificante, com a prática constante (a pedra de moinho) nós “moemos” a Graça Santificante, com o Jejum (água) nós juntamos a farinha de Graça Santificante e o fogo da esmola assa a massa de Graça Santificante. E depois temos uma Graça Santificante que passou pelos processos humanos e se tornou alimento verdadeiramente humano. Mas comungar do Cristo não é comungar do pão vivo descido dos céus?

Opa, aí a caixa de marchas começa a arranhar um pouco. Você que está lendo consegue notar? A algumas páginas atrás mencionei que “o simbolismo do pão ou pode encaixar-se nas mais várias religiões”, sim, pois o símbolo do pão ainda está no nível do simbolismo natural e humano. Nós, seres humanos, vivemos e somos ponte entre o material e imaterial. No início da aula até parece fazer algum sentido identificar trigo com Graça Santificante, mas, no prosseguir da aula, símbolo e simbolizado aparentam ter uma desconexão, quando mudamos os níveis, essa mudança arranha a inteligência.

Adão fazia pão e ele tinha Graça Santificante. Ele ia à Missa todo domingo e comungava da Eucaristia? Mas ele não cometeu o Pecado Mortal por excelência? Responda.

Afinal, o que é Graça Santificante? Você leitor, que provavelmente passou anos atrás de trigo limpo, já abriu o Catecismo para pesquisar o que é Graça Santificante ou pesquisou pelo tema no site do Padre Paulo Ricardo?

Casos pressionemos CTRL+F no Catecismo que é disponibilizado pela internet e procuremos por graça simplesmente, a terceira opção que nos aparece é esta:

> “A terceira parte do Catecismo apresenta o fim último do homem, criado à imagem de Deus: a bem aventurança e os caminhos para chegar a ela: mediante um agir reto e livre, com a ajuda da fé e da graça de Deus (Seção I), por meio de um agir que realiza o duplo mandamento da caridade, desdobrado nos dez Mandamentos de Deus (Seção II) (Catecismo nº 16)

Já notamos que com a ajuda da Graça de Deus e da Fé, mediante um agir reto e livre chegamos à bem aventurança. Mas o que é a Graça? Para isso temos o Catecismo nº 1996 que diz:

> Nossa justificação vem da graça de Deus. A graça é favor, o socorro gratuito que Deus nos dá para responder a seu convite: tomar-nos filhos de Deus, filhos adotivos participantes da natureza divina, da Vida Eterna.

Ou seja, não é de nossa natureza nem nos pertence e nem podemos fazê-la por merecer, a Graça é um dom de Deus:

> A graça de Cristo é o dom gratuito que Deus nos faz de sua vida infundida pelo Espírito Santo em nossa alma, para curá-la do pecado e santificá-la; trata-se da graça santificante ou deificante, recebida no Batismo. Em nós, ela é a fonte da obra santificadora. (Catecismo nº 1999)

Neste ponto começamos, nós católicos, começamos a diferenciar Graça Atual de Graça Santificante. Pe. Paulo Ricardo diz na aula "O que é Graça Atual" no curso *Catecismo para Adultos* o seguinte:

> A Graça atual Deus está oferecendo a todos os homens muitíssimas vezes durante a sua vida, várias vezes por ti [...] diferentemente da Graça Santificante, a Graça Atual está sendo oferecida a todos os homens sempre. Jesus — sim, Ele Nosso Senhor — está no coração de todo ser humano a todo o momento oferecendo um convite, falando conosco o tempo todo, mas a humanidade boboca não presta atenção, mas Ele atua [...] Jesus envia o Espírito Santo e Ele atua na Inteligência e na vontade. [...] A Graça Atual é uma intervenção de Deus na vida da pessoa onde Deus ilumina a inteligência e convida a vontade.

Para saber mais sobre Graça Atual, assinar o site do Pe. Paulo Ricardo é muito recomendável; no prosseguir da aula ele fala da atuação pontual, mas, também, na possibilidade de Ele permitir desgraças se for para um bem maior — qualquer semelhança com o ICLS não é mera coincidência. E também há bons livros: procurem por O Grande Desconhecido do Fr. Royo Marín ou por *Las Tres Edades de la Vida Interior* do Fr. Garrigou-Lagrange.

Já Graça Santificante o Catecismo nos diz:

>

> A graça santificante é um dom habitual, uma disposição estável e sobrenatural para aperfeiçoar a própria alma e torná-la capaz de viver com Deus, agir por seu amor. Deve-se distinguir a graça habitual, disposição permanente para viver e agir conforme o chamado divino, e as graças atuais, que designam as intervenções divinas, quer na origem da conversão, quer no decorrer da obra da santificação. (Catecismo nº 2000)

Então já sabemos algumas coisas acerca da Graça Santificante: é um dom de Deus recebido no Batismo e perdura no ser humano enquanto ele não cometer um pecado mortal, pois, conforme o Catecismo nº 1861 "*O pecado mortal é uma possibilidade radical da liberdade humana, como o próprio amor. Acarreta a perda da caridade e a privação da graça santificante, isto é, do estado de graça*".

O quanto podemos realmente manipular e alterar um dom de Deus? Na verdade, não é alguma coisa que, muito mais, age sobre nós e não nós sobre ela? Não são as coisas do alto que dão forma às coisas de baixo? Ficam as questões em aberto por enquanto.

Outra questão muito importante: Como a Graça Santificante pode vir suja? O Pe. Paulo Ricardo no curso Catecismo da Igreja Católica – Sacramentos ficamos sabendo que no Sacramento da Confissão não acontece que o pecado é simplesmente apagado, na verdade, há um influxo da Graça que, por sua vez, tira o pecado, ou seja, a Graça não pode conviver com o pecado.

O mesmo repete-se na Eucaristia, com a qual, quando comungamos, nossos pecados veniais são perdoados. Acerca dos tipos de pecado e da dinâmica de atuação o Catecismo é bastante claro:

> O pecado mortal destrói a caridade no coração do homem por uma infração grave da lei de Deus; desvia o homem de Deus, que é seu fim último e sua bem-aventurança, preferindo um bem inferior.
>
> O pecado venial deixa subsistir a caridade, embora a ofenda e fira. O pecado mortal, atacando em nós o princípio vital, que é a caridade, exige uma nova iniciativa da misericórdia de Deus e uma conversão do coração, que se realiza normalmente no sacramento da Reconciliação. (Catecismo nº 1855 e 1856)
>
> O pecado venial enfraquece a caridade; traduz uma afeição desordenada pelos bens criados; impede o progresso da alma no exercício das virtudes e a prática do bem moral; merece penas temporais. O pecado venial deliberado e que fica sem arrependimento dispõe-nos pouco a pouco a cometer o pecado mortal. Mas o pecado venial não quebra a aliança com Deus. É humanamente reparável com a graça de Deus. "Não priva da graça santificante, da amizade com Deus, da caridade nem, por conseguinte, da bem-aventurança eterna." (Catecismo nº 1863)

Se pelo influxo da Graça Santificante em uma Confissão, o pecado é expulso, e se quando comungamos em Estado de Graça, nossos pecados veniais são perdoados, como o trigo espiritual, a Graça Santificante pode vir suja? Como é possível a existência de Graça Santificante envenenada?

E agora? Notaram uma desarmonia entre os elementos? Os tijolos não estão bem assentados, há uma corda desafinada, a caixa de marchas está arranhando. Como assim nós moldamos um dom de Deus? Mas não somos nós o barro na mão do Oleiro? Não é a Graça que age sobre o natureza?

Se ter a correta cosmovisão é tão importante no exercício da religião, por que ensinam-nos as coisas dessa forma?

Considerações Finais da Parte III - Final

Chegamos ao fim. Fiz o que tinha de ser feito. Falei o que tinha de ser falado. Agora tudo que gostaria é um pouco de paz — o que talvez seja um pouco difícil nessa circunstância.

Antes do fim, gostaria de deixar uma sugestão de sistema simbólico, informo que não passa de um rascunho mal feito:

Olhem para a Santa Missa e verão duas partes, Liturgia da Palavra e o Rito de Consagração. Escutamos o Evangelho e levamos pão e vinho para serem ofertados para serem consagrados pelo sacerdote in persona Christi para Deus.

No Antigo Testamento havia três tipos de sacrifícios: (1) holocausto no qual tudo era queimado e ofertado a Deus em sinal de louvor; (2) sacrifícios pacíficos no quais metade era queimado a Deus e a outra metade era alimento para os homens (simbolizando a manutenção da força dos homens nos caminhos de Deus); e (3) o bode expiatório, nos quais os sacerdotes impunham sobre um animal, geralmente um bode, os pecados deles e da comunidade e o largavam para morrer no deserto.

Nosso rito, tanto católico quanto ortodoxo, é a perfeição desses três simultaneamente: (1) Louvamos a Deus; (2) Pela comunhão recebemos a Graça Santificante; e (3) Cristo redimiu nossos pecados perfeitamente.

A Graça vem pela carne de Cristo, não pelo trigo, nós já comemos o pão **vivo** descido dos céus. O que fazemos em todas as Santas Missas é um sacrifício de Abel, o mais agradável a Deus. Há uma hierarquia, trigo é natural, pão é humano, mas quem transforma em corpo e sangue de Cristo, um símbolo divino, é Deus.

Trigo, parece-me ser, a Palavra, a Boa Nova, o Evangelho. Muitos santos ao escutar uma pequena frase e elevaram-na a um estado de perfeição. Temos de plantá-la na terra fértil (sem espinhos e sem pedras, prática da virtude) de nosso ser, que deve ser arada (ar, oração), a terra deve ser úmida de amor (água, jejum) e deve receber a Luz do Sol, a Graça Santificante habitual no estado de Graça, o fogo, a esmola. O Sol é o símbolo por excelência de Deus (O Sol de Justiça, o centro, e o Espírito Santo desce, assim como a luz do Sol desce sobre nós.). Vem o maligno e planta joio. Estamos tentando cultivar a palavra, guardamos ela, e temos de fazer frutificar, plantamos a semente na terra do nosso interior, mas uma terra adequada (com ar, se formos muito dura, como na estrada, a palavra não se desenvolve) devemos ser amorosos para com ela (água, sentimos falta de algo na secura do jejum) e cresce com a ajuda da Graça Santificante (a luz do Sol). Só na colheita separamos o joio do trigo, é a Confissão: O que eu fiz de bom? O que fiz de ruim? O que

deve ser queimado?

A prática da Confissão renova o ciclo, agora armazenamos os bons grãos, nossas boas ações (o agir reto e livre) e queimamos o joio plantado pelo inimigo à noite. Pela prática do pão, moemos o trigo, (nossas virtudes são conquistadas a duras penas e um simples desvio pode pôr tudo a perder), novamente juntamos o trigo com a água, depois sovamos o pão (ar) depois pomos no forno (o fogo do Espírito Santo que desceu sobre os apóstolos sob a forma de línguas de fogo e hoje sopra sobre nós para manter a chama acesa), o excesso sai, a esmola. E pronto, temos pão para oferecer no altar. Pão é uma vida plenamente dirigida e orientada a Deus, que por sua vez, é oferecida no altar. Em vez de irmos buscar trigo e ficarmos julgando cada detalhe, estamos oferecendo a nossa miserável vida.

Trigo vira Pão, que vira Carne que, por sua vez, é o nosso alimento. Cuidado de quem nos afasta do alimento mais necessário.

Na falta de pão ou vinho, Cristo nunca nos deixou na mão — vide as Bodas de Caná, a multiplicação dos pães (em que, de poucos pães, Cristo saciou a fome de todos), “*eis que estarei convosco todos os dias até o final dos tempos*” e a Comunhão dos Santos.

Cristo é o Logos, o arquétipo dos arquétipos, a estrutura do ser, é a partir do Todo que conseguimos entender as partes, talvez por isso que as outras religiões podem ser entendidas à luz do cristianismo, mas será que as outras religiões podem entender o cristianismo? Que outra religião possui um sacrifício de carne feita pelo próprio Deus?

Algumas perguntas ficam, mas isso é o natural.

Isso é tão somente um breve rascunho, mas talvez ajude algumas pessoas a repensar.

No mais, cuidado com aquilo que presumirem de mim, pois pode ser meramente fruto da imaginação reforçada por um meio social restrito, na verdade, este documento nem foi feito para isso, foi produzido para a consciência de cada um individualmente. Nada do que foi escrito aqui se resume a dicotomias baratas: *gosto x não gosto*; *a favor x contra* ou *meu time x seu time*. Eu mesmo nutro grande apreço por alguns rabinos, cristãos ortodoxos e protestantes, budistas e — por que não? — muçulmanos.

Encerro aqui e informo que retornarei ao meu habitual silêncio pelas redes sociais em breve. Obrigado.